

# Fusão de sibilantes: processo de mudança/standardização?<sup>1</sup>

*Amália Andrade e Celeste Rodrigues*  
Centro de Linguística da Universidade de Lisboa

## Introdução

Como é sabido, o estudo de mudanças em curso é uma pedra base na pesquisa da variação e mudança linguísticas.

Há razões para pensar que o fenómeno de que nos ocupamos aqui, a fusão em [ʃ] de uma fricativa final de sílaba com um /s/ inicial adjacente em fronteira de palavra (“fusão de sibilantes”)<sup>2</sup> observável no Português standard (Pe), é um caso de mudança em curso. Trata-se de um fenómeno variável pós-lexical, gradual (cf. Figura 1), que assenta em factores de natureza fonética inerentes à fala informal e rápida, e que é condicionado por factores linguísticos (Andrade, 2003a,b; Andrade e Rodrigues, 2004).

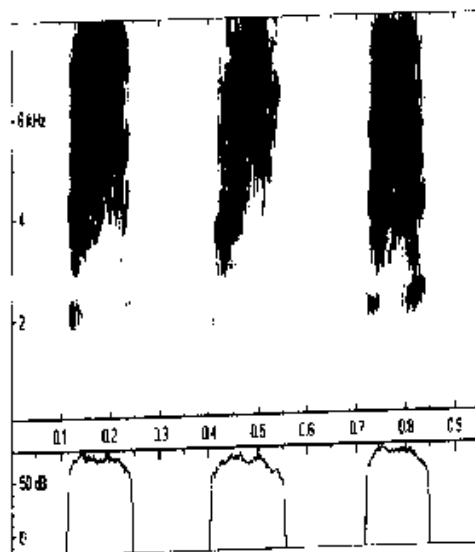


Figura 1: Espectrograma de realizações variáveis da sequência de /S/<sup>3</sup> final de sílaba e /s/ inicial no mesmo contexto linguístico. Material recolhido em laboratório (falante do sexo feminino).

<sup>1</sup> O presente trabalho foi financiado pela FCT através do financiamento Básico Programático atribuído ao Laboratório de Falado CLUL e do financiamento atribuído ao Projecto PhoCo/CLUL.

<sup>2</sup> A fusão de sibilantes intra-palavra, como em ‘nasc<sup>er</sup>’ – [nɐʃɛr] vs [nɐsɛr], não é objecto deste artigo.

<sup>3</sup> A fricativa final de sílaba é aqui representada como /S/. Considerando-a como segmento não especificado quanto a Ponto de Articulação e Voçamento ao nível lexical aproximamo-nos de outros autores, como por exemplo Mateus e Andrade (2002).

Nesta fase da pesquisa, a hipótese de que se está perante uma mudança em curso e não um simples fenómeno variável, estacionário ou votado ao retrocesso, é sustentada pelas considerações que se explicitam a seguir.

(a) Os dados de que dispomos actualmente relativos à progressão em tempo real e à distribuição espacial da fusão de sibilantes apontam para a hipótese de mudança em curso. Baseando-nos na autoridade reconhecida de Gonçalves Viana (1883, 1892, 1903), podemos afirmar que a fusão de sibilantes, pelo menos enquanto fenómeno audível, está ausente das produções dos falantes da norma culta lisboeta do início do século XX, sendo por isso relativamente recente. Cerca de um século mais tarde, porém, de acordo com estudos baseados em falantes de formação universitária de idades entre 26-39 anos, a fusão de sibilantes tem expressão clara.<sup>4</sup> Assim, em Andrade (2003a,b), observa-se que mesmo na fala lida em laboratório é possível encontrar ocorrências de fusão. Em Andrade e Rodrigues (2004), registam-se taxas de fusão muito significativas (superiores a 70%), na fala livre produzida em entrevista, i.e. num estilo mais próximo do vernáculo, por falantes de Lisboa, mulheres e homens. Mostra-se, além disso, que a ocorrência de fusão não se restringe à variedade de Lisboa, encontrando-se também na de Braga, para mulheres e homens também (com taxas médias superiores a 59%)<sup>5</sup>.

(b) Não menos importante que (a) é o facto de haver condições claras para a estruturação fonológica da fusão, enquanto generalização de um fenómeno de sandhi externo existente já na fonologia do Pe, o qual envolve também a fricativa final de palavra.

O objectivo principal do presente trabalho foi pesquisar melhor a natureza da expansão da fusão de sibilantes como fenómeno de mudança em curso. Como se sabe, o factor “idade” é uma das variáveis independentes de importância na pesquisa sincrónica da mudança linguística (por ex. Labov, 1966, 2001; Trudgill, 1974; Kallel, 2003).

Partindo do constructo teórico de “tempo aparente”, alargou-se a análise realizada em Andrade e Rodrigues (2004) a falantes de grupos etários distintos de Lisboa e de Braga: um grupo mais velho do que o já estudado e um grupo de adolescentes. O grosso da análise incidiu sobre os informantes mais velhos, homens e mulheres, com grau de formação idêntico ao dos falantes previamente estudados. O objectivo era verificar se a distribuição da fusão pelos diferentes grupos etários reflectia ou não uma progressão linear, crescendo com a redução da idade. Note-se que um grande número de estudos empíricos de mudanças em curso identifica os adolescentes (e os mais jovens) como os agentes mais inovadores dessas mudanças. Por outro lado, alguns outros trabalhos não encontram o mesmo comportamento por parte dos adolescentes.<sup>6</sup>

<sup>4</sup> Os materiais desses estudos foram gravados entre 1995-1998.

<sup>5</sup> Em Braga, as taxas médias encontradas são 59% para as mulheres e 80% para os homens. Como foi apontado em Andrade e Rodrigues (2004), essa diferença pode não ser significativa, dada a pequena dimensão da amostragem de falantes.

<sup>6</sup> Concorde-se com a ideia de alguns autores de que os adultos jovens ou no início da meia idade constituem os grupos etários mais relevantes para aferir a robustez e estabilidade de fenómenos de mudança em curso em geral.

Partindo-se da ideia de que o fenómeno de fusão tem origem em Lisboa ou no Centro/Sul (Andrade, 2003b), em Andrade e Rodrigues (2004) coloca-se a hipótese de a sua ocorrência (significativa) entre os falantes de Lisboa e de Braga de 26-39 anos ser um efeito de standardização. Tal interpretação apoia-se no facto de os mesmos informantes reflectirem um efeito de standardização robusto em associação com diferentes fenómenos, como por exemplo o recuo vocálico ( $/e/, /ɛ/ > [v]$ ) diante de consoante palatal (Rodrigues, 2001). De acordo com Rodrigues (2001) esse grupo etário caracteriza-se por ser o que apresenta os efeitos de standardização em grau mais avançado, de entre os vários grupos que a autora examina.

Como se disse atrás, no outro extremo do espectro etário, estudou-se a fala de jovens adolescentes. Dados estudos empíricos anteriores como o de Rodrigues (2001) e, mais geralmente, o estatuto (temporário) de marginalidade relativa dos adolescentes, a hipótese de a difusão do fenómeno de fusão ser um efeito de standardização seria posta em causa se se viesse a verificar que os índices mais elevados de fusão se encontravam precisamente nesse grupo etário.

## Metodologia

Este trabalho baseou-se em fala livre produzida em situação de entrevista por 26 falantes. 12 desses informantes, com idades compreendidas entre 26-39 anos, foram objecto de estudo em Andrade e Rodrigues (2004). Os materiais aqui utilizados pertencem ao corpus de fala (CPE\_var) recolhido pela segunda autora de acordo com requisitos para um estudo de natureza sociolinguística (Rodrigues, 2001). Quer em termos do número de falantes, quer em termos da quantidade de fala gravada de que se dispunha, o trabalho foi condicionado pelas características do corpus.

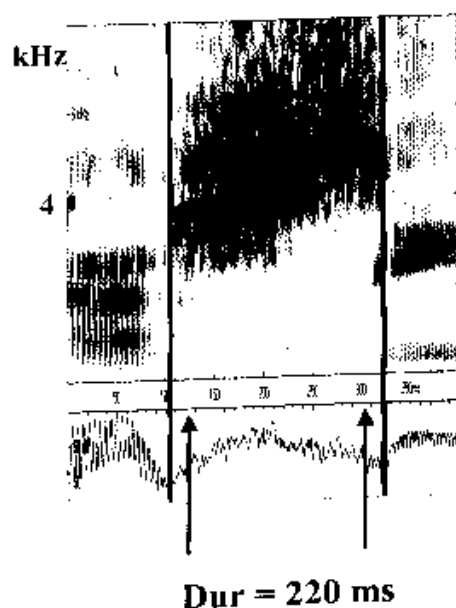


Figura 2: Espectrograma com indicação da localização (cf. setas) do centro de duas das janelas de análise espectral da região fricativa correspondente a uma sequência /S#s/.

Dos 14 informantes estudados especificamente para este trabalho, 8 pertencem ao grupo etário de 55-69 anos, e 6 ao grupo etário de 13-15 anos. Este último, apenas feminino, inclui 3 adolescentes de Lisboa e 3 de Braga; por sua vez, o primeiro grupo inclui 2 mulheres e 2 homens de Lisboa<sup>7</sup>, e ainda 2 mulheres e 2 homens de Braga. Os falantes adultos têm toda formação universitária; as jovens adolescentes, por sua vez, têm o nível de escolarização normal para as respectivas idades.

Conforme vem descrito em Andrade e Rodrigues (2004), dos 12 falantes de 26-39 anos, 6 são de Lisboa (4 mulheres e 2 homens) e outros 6 de Braga (3 mulheres e 3 homens).

Os trechos de fala livre dos diferentes informantes têm durações da ordem dos 15-30 minutos.

As realizações da sequência /S#s/ presentes nos trechos de fala, excepto no caso de disfluência evidente, foram transcritas com base em análise combinada, auditiva e acústica, por parte de uma das autoras. No que respeita à análise acústica foi adoptada a metodologia de Andrade (2003a, b). A figura 2, acima, mostra a localização das janelas de análise aplicadas no início e no fim de uma sequência de fricativas. Os dados correspondentes a 15 minutos de fala por informante foram, em seguida, confrontados com as transcrições (revistas) realizadas independentemente pela segunda autora. Todos os casos de não convergência ou de dúvida foram reanalisados acusticamente.

### 3. Resultados

#### 3.1 Distribuição etária da mudança em curso. Resultados de Lisboa.

A taxas médias de ocorrência de fusão em [ʃ] correspondentes aos falantes de Lisboa dos três grupos etários são concordantes com a expectativa de que os valores mais baixos de fusão estariam associados aos adultos mais velhos (cf. figura 3) e, assim, apoiam a ideia de que a fusão é uma *mudança em curso*.

Os resultados em causa são, ainda, indicadores de que não é no grupo das adolescentes que o fenómeno de fusão se manifesta em maior grau. O grupo etário intermédio feminino parece estar associado a um pico de ocorrência de fusão, acima da taxa de ocorrência das adolescentes. Mas a diferença entre as taxas médias associadas a esse grupo e às adolescentes não é significativa estatisticamente. É fácil verificar este facto através do simples exame dos resultados individuais incluídos na figura 4 (gráfico da esquerda). De salientar é o facto de os 100% de ocorrência poderem ser atingidos no grupo de adultas jovens.

<sup>7</sup> Verificou-se que um destes homens (L52) é, na realidade, originário de Santarém, embora tivesse ido viver para Lisboa ainda adolescente.

Ocorrência de [ʃ] em Lisboa (Fem & Masc)

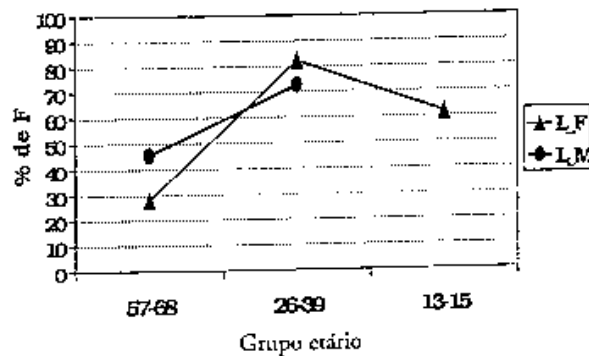


Figura 3: Médias globais das taxas de ocorrência de [ʃ] correspondentes aos falantes de Lisboa (L), dos grupos etários de 55-69 anos, 26-39 anos e 13-15 anos. Os resultados femininos (F) e masculinos (M) estão representados em separado.

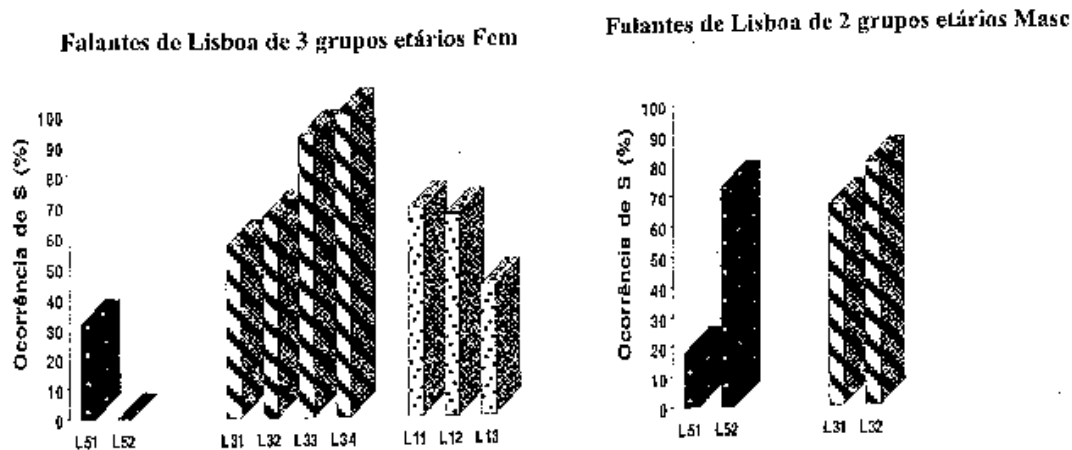


Figura 4: Taxas médias de ocorrência de [ʃ]: resultados individuais dos falantes de Lisboa; resultados femininos à esquerda e masculinos à direita. Grupos etários: L5 – 55-69 anos, L3 – 26-39 anos e L1 – 13-15 anos.

É oportuno apontar que a audição integral das entrevistas dos falantes estudados, veio mostrar que a maioria das adolescentes estão muito mais constrangidas em situação de entrevista do que os adultos. Ora, como é sabido, o grau de formalidade/informalidade do discurso é condicionante crítica de fenómenos como a fusão (e.g. Andrade, 2003a, b). Por isso, não será de descartar a possibilidade de as adolescentes lisboetas apresentarem mais fusão em condições discursivas de maior informalidade. Parece, pois, mais adequado considerar que, no que respeita a este grupo etário, a fusão se encontra não em regressão, mas em estágio estacionário. Assim sendo, e tendo em conta que é já possível encontrar 100% de ocorrências de fusão entre o grupo adulto mais jovem, o padrão da distribuição da fusão aproxima-se de um S, isto é do que parece ser a forma típica da curva de propagação temporal das mudanças linguísticas (por exemplo, Weinreich, Labov e Herzog, 1968; Bailey, C., 1973; Kroch, 1989).

A disparidade entre os resultados individuais masculinos no caso dos adultos mais velhos merece reparo. Entre as questões que levanta, destaca-se a da dimensão da variabilidade interindividual: o que é a variabilidade “normal”?<sup>8</sup> A menos que seja atribuível à sua origem (cf. nota 7), o que não nos parece evidente, o comportamento deste falante levanta dificuldades à hipótese de tempo aparente, mesmo tendo em conta a natureza probabilística dos fenómenos de mudança, decorrente das suas componentes externas, sociais e outras.

### 3.2 Comparando Lisboa e Braga. Standardização.

Examinem-se, agora, os resultados médios globais de Braga (cf. figuras 3 e 5). Da comparação dos valores de Braga com os de Lisboa, para além das diferenças (falar-se-á delas mais adiante), ressalta a *semelhança* entre os padrões de distribuição de fusão. Essa observação mantém-se, de um modo geral, no que respeita aos resultados individuais (cf. figuras 4 e 6), não só em termos do grau de incidência do fenómeno, como em termos do número de falantes que o manifestam.

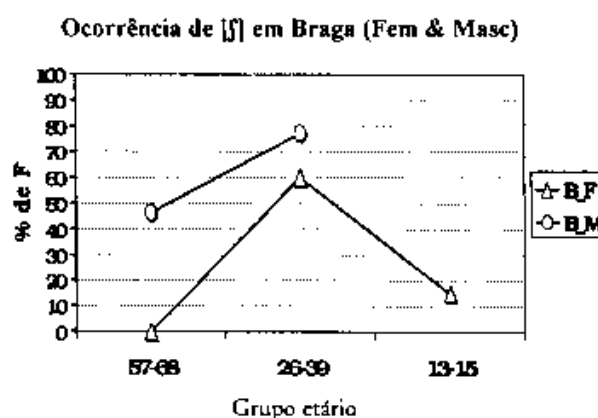


Figura 5: Médias globais das taxas de ocorrência de [ʃ] correspondentes aos falantes de Braga (B), dos grupos etários de 55-69 anos, 26-39 anos e 13-15 anos. Os resultados femininos (F) e masculinos (M) estão representados em separado.

Existem diferenças entre Lisboa e Braga que importa identificar. A mais saliente diz respeito ao factor género e reside no facto de os resultados femininos de Braga dos três grupos etários de Braga serem mais conservadores do que os dos outros grupos correspondentes (de mulheres de Lisboa e de homens de Lisboa e de Braga).

<sup>8</sup> Suspeita-se de que não é à origem do falante (cf. nota 7) que se deverá atribuir o seu comportamento “extremo” relativamente à fusão, mas não se tem bases efectivas para o afirmar.

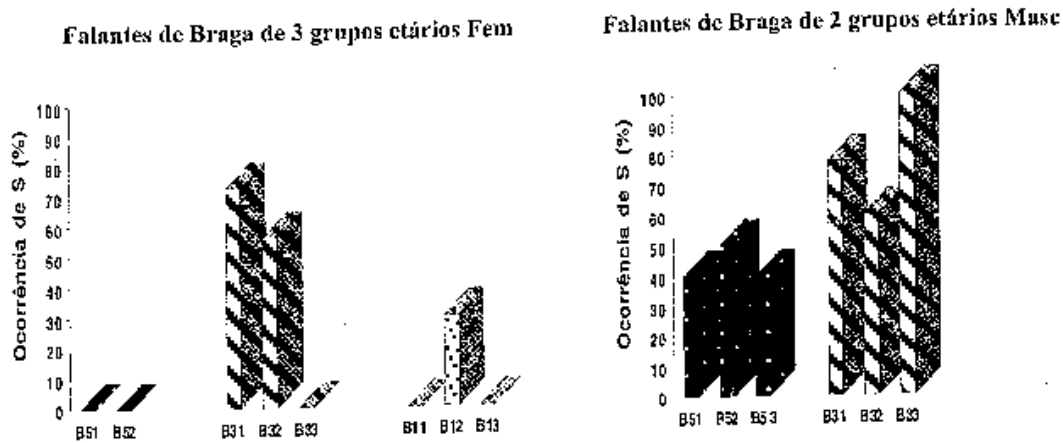


Figura 6: Taxas médias de ocorrência de [ʃ]: resultados individuais dos falantes de Braga; resultados femininos à esquerda e masculinos à direita. Grupos etários: B5 – 55-69 anos, B3 – 26-39 anos e B1 – 13-15 anos.

Uma segunda diferença, relacionada com a primeira, tem que ver com o grau de fusão das adolescentes bracarenses. Estas parecem distanciar-se de forma muito significativa dos adultos mais jovens e aproximar-se das falantes adultas de mais idade. Esses resultados reforçam a observação para o caso de Lisboa (em 3.1) de que não é entre as adolescentes que se encontram os agentes mais inovadores do fenómeno em questão. Convém notar, porém, que a observação que se fez acima a propósito do grau de informalidade atingido pelas adolescentes de Lisboa se aplica aqui também.

Pelo que tem vindo a ser dito, os resultados revelam-se compatíveis com a hipótese de que a difusão da fusão de sibilantes em Lisboa e em Braga reflecte um efeito de *standardização*. Converte nesse sentido, o facto já referido de o padrão de distribuição etária do fenómeno ser idêntico àquele encontrado em Rodrigues (2001) para outros fenómenos de *standardização*. Por razões que têm que ver com características específicas da sociedade de Braga, esse efeito reflecte-se em menor grau na comunidade feminina, sendo mínimo (nulo?) entre as falantes adultas com mais de 55 anos e muito ténue entre as jovens adolescentes.

## Conclusão

Pelas razões apontadas na Introdução e na secção sobre a Metodologia (1 e 2), o trabalho aqui apresentado é prospectivo, ainda. Os resultados obtidos, no entanto, permitiram-nos avançar no sentido dos objectivos definidos inicialmente.

Em primeiro lugar, confirmou-se que o fenómeno de fusão tem expressão já robusta, manifestando-se entre os falantes da norma de um largo espectro etário de Lisboa, pelo menos num registo relativamente informal. A sua distribuição etária parece aproximar-se da curva de tipo S, característica, segundo diversos autores, da propagação temporal das mudanças linguísticas. A confirmação (eventual) dessa aproximação, mediante novos dados, estará em concordância com a hipótese de tempo aparente.

A ocorrência do fenómeno (um fenómeno que não é do Norte) em Braga, a semelhança entre os padrões de distribuição etária e em função do género, associados a Lisboa e Braga, a convergência com as observações de Rodrigues (2001) para outros fenómenos de mudança sonora são indicadores claros que se está perante um efeito de standardização.

Um outro aspecto da componente social desta mudança linguística reflecte-se nos resultados. O facto de as mulheres de Braga apresentarem globalmente menores índices de fusão do que os restantes grupos, como se disse acima, decorre certamente de factores específicos dessa comunidade, que não se mantêm em Lisboa. O facto de as maiores taxas de ocorrência de fusão estarem associadas ao grupo de adultos mais jovem sugere que a difusão do fenómeno se processa sobretudo através da inserção no mundo do trabalho.

### Referências Bibliográficas

- ANDRADE, A. (2003a) “[j]-[s] accommodation in European Portuguese: an acoustic and perceptual study”, *Proceedings of the 15<sup>th</sup> ICPPhS, Barcelona 3-9 Agosto*, Barcelona, pp. 3045-3048.
- ANDRADE, A. (2003b) “On the final fricative in European Portuguese”, apresentação oral, 9 de Outubro 2003, CLUL, Lisboa.
- ANDRADE, A. e Rodrigues, C. (2004) “Um exemplo de sandhi consonântico variável em Português: uma abordagem mista”, *Actas do XIX Encontro da APL, Outubro 2003*, pp. 257-268, Lisboa: APL/Colibri.
- BAILEY, C. (1973) *Variation and Linguistic Theory*, Washington: Centre for Applied Linguistics.
- CHAMBERS, J., P. Trudgill e N. Schilling-Estes (2002) *The Handbook of Language Variation and Change*, Oxford: Blackwell Publishing.
- CINTRA, L. F. Lindley (1971) Nova proposta de classificação dos dialectos galego-portugueses, *Boletim de Filologia*, 22, pp. 81-116, 1971; reimpresso in L. Filipe Lindley Cintra, *Estudos de Dialectologia Portuguesa*, pp. 117-163, Lisboa: Sá da Costa Editora, 1983.
- KALLEL, A. (2003) “The age variable in the rise of periphrastic ‘do’ in English”, *Reading Working Papers in Linguistics*, 7, pp. 25.
- KROCH, A. (1989) Function and Grammar in the History of English: Periphrastic ‘do’. In R. Fasold, org., *Language Change and Variation*, Amsterdam: Benjamins.
- LABOV, W. (1966) *The Social Stratification of English in New York City*, Washington D.C.: Centre for Applied Linguistics.
- LABOV, W. (2001) *Principles of linguistic change. Social factors*, Blackwell Publishers, Oxford.
- RODRIGUES, C. (2001) *Lisboa e Braga: fonologia e variação*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian e Fundação para a Ciência e Tecnologia, 2003.
- TRUDGILL, P. (1974) *The social differentiation of English in Norwich*, Cambridge: Cambridge U. Press.



- VIANA, A. Gonçalves (1883) “Essai de phonétique et de phonologie de la langue portugaise d’après le dialecte actuel de Lisbonne”, *Romania*, 12, pp.1-70; re-editado em Gonçalves Viana, 1973, pp.83-152.
- VIANA, A. Gonçalves (1892) – “Exposição da pronúncia normal portuguesa para uso de nacionais e estrangeiros”, *Memória destinada à X Sessão do Congresso Internacional de Orientalistas*, Lisboa: Imprensa Nacional; re-editado em A. Gonçalves Viana, 1973, pp.153-258.
- VIANA, A. Gonçalves (1903) *Portugais, phonétique et phonologie, morphologie, textes*. Lipsia, Treubner: Skizzen lebender Sprachern; re-editado em A. Gonçalves Viana, 1973.
- VIANA, A. Gonçalves (1973) *Estudos de Fonética Portuguesa*, Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1973.
- WEINREICH, U., W. Labov e M. Herzog (1968) Empirical Foundations for a Theory of Language Change. In W. Lehmann, org., *Directions for Historical Linguistics: A Symposium*, Austin: U. of Texas Press, pp. 95-195.